



Balanço

Perspectivas

À procura de um rumo

Que cidade temos? Que cidade queremos? Que transformações marcaram Bragança na última década e que mudanças efectivamente provocaram?

12 páginas, muitos olhares a não perder neste caderno especial construído para todos olharmos Bragança hoje. A primeira parte de uma reflexão que terminará no próximo número do Outra Presença.

- arquitectura • artes • urbanismo
- jornalismo • ensino profissional
- promoção da leitura

Bragança 2000 - 2010

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

2009

Pedro João Rodrigues

Investigador do IPB vence Live Edge 2008

Pedro João Rodrigues é professor do Instituto Politécnico de Bragança. O resultado da sua investigação foi recentemente reconhecido com o Prémio Live Edge 2008 atribuído a um aparelho que permitirá poupar energia pelo facto de desligar os electrodomésticos que estejam em stand-by por mais tempo do que o previsto. O orçamento das famílias e o ambiente agradecem. E Bragança orgulha-se de o ter por cá.

O projecto

Superiormente Falando: A nossa professora falou-nos de um prémio que recebeu, o Live Edge 2008. Desde já parabéns. Esse prémio foi a nível mundial?

Pedro João Soares Rodrigues: Sim, foi a nível mundial.

SF: Então como surgiu a ideia do seu projecto e como a começou a desenvolver?

PJSR: A ideia surgiu-me na procura de uma ideia para participar no Live Edge 2008. Ocorreu-me mesmo nessa procura e não havia nenhum antecedente nesse sentido. A área em que eu trabalho, que é a inteligência artificial, permite fazer reconhecimento de padrões complexos, sejam padrões visuais sejam padrões de consumo. Então lembrei-me: "Posso criar um dispositivo que aprende a reconhecer padrões de consumo de um determinado equipamento; posso, então, colocar um sistema que, depois de ter feito a aprendizagem, pode decidir quando deve cortar a alimentação por completo a um dispositivo se este está a realizar um consumo desnecessário, que é o caso do standby."

SF: Pois, nós íamos perguntar-lhe como funcionava o seu protótipo. Sabíamos, no geral, que ele cortava o fornecimento de energia a um aparelho que estivesse em standby, mas isso acontece logo ou só passa do algum tempo?

PJSR: Depende do equipamento, as variações do consumo ao longo do tempo não são cons-

tantes. Essas variações reflectem um traço específico acerca desse equipamento consoante se encontra em standby ou em consumo real. Portanto, o que o aparelho faz é, depois de analisar esse traço de consumo, reconhecer quando o equipamento entrou nesse estado e, passados alguns testes, o aparelho corta por completo a energia ao electrodoméstico que está a controlar, porque o reconheceu como estando em standby.

SF: O protótipo desenvolvido foi baptizado com o nome de 'Intelligent Stand-by Energy Saver'. Por que razão deu ao projecto um nome inglês e não português?

PJSR: O concurso era internacional. Todos os elementos do júri eram de origem inglesa, pelo menos em termos de língua. E, além disso, uma das regras do concurso era dar um nome ao projecto em inglês ou em chinês. Portanto nem a descrição nem o nome do projecto podiam estar numa outra língua.

SF: O que sentiu quando recebeu o prémio Live Edge 2008?

PJSR: Existe sempre uma expectativa de vir a ser o vencedor, caso contrário não participaria, mas, no meio de cerca de 800 participantes, a hipótese de se receber o primeiro prémio era vista como remota. E participaram também várias instituições, pois estes são concursos que oferecem um prémio monetário relativamente elevado. Portanto, quando recebi o prémio, senti, em primeiro lugar, uma espécie de êxtase e custou-me até a acreditar

que tinha sido eu o vencedor. Depois apareceu uma sensação agradável ao ver que o trabalho tinha sido reconhecido a este nível. Queria dizer que ele servia para alguma coisa.

SF: Esse prémio implicou alguma mudança na sua vida?

PJSR: Não. Além da experiência e de ter motivado contactos internacionais, de pessoas que estavam interessadas em saber o que era o prémio, o que era a ideia e outras interessadas em fabricar o dispositivo. Para além disso, não me proporcionou nada de especial, excepto a experiência particular

A área em que eu trabalho, que é a inteligência artificial, permite fazer reconhecimento de padrões complexos, sejam padrões visuais sejam padrões de consumo. Então lembrei-me: "Posso criar um dispositivo que aprende a reconhecer padrões de consumo de um determinado equipamento; posso, então, colocar um sistema que, depois de ter feito a aprendizagem, pode decidir quando deve cortar a alimentação por completo a um dispositivo se este está a realizar um consumo desnecessário, que é o caso do standby."

de ter contacto com as pessoas da indústria e da produção destes dispositivos.

SF: O seu produto vai ser comercializado?

PJSR: Em princípio, sim. Existe uma empresa portuguesa que tem vontade de o fazer. Neste momento temos estado em negociações, a discutir alguns detalhes técnicos que têm de ser produzidos, embora a grande dose de correcção vá no sentido de minimizar ao máximo o custo de produção do equipamen-

to. Os cinquenta mil dólares do prémio são divididos em dois grupos: 25 mil que correspondem a um valor com o qual eu posso fazer o que entender e o restante que tem de ser aplicado no projecto, nomeadamente em aconselhamento técnico de apoio à produção do objecto.

SF: Desenvolveu outros projectos para além deste?

PJSR: Estou a desenvolver um projecto na área da daltonização, isto é, correcção daltónica. Pretende, através da aquisição de imagens por parte de um dispositivo, como por exemplo um telemóvel, fazer a

melhor correcção possível frente a uma imagem que tem de ser interpretada por uma pessoa que tem deficiência daltónica.

Ser cientista em Portugal

SF: E em relação aos seus trabalhos, pensa que não são valorizados no país e mesmo na nossa cidade?

PJSR: Relativamente ao prémio, penso que foi bem publicitado. Em termos de jornais locais, de rádio e mesmo de televisão. É claro que a difusão das notícias

acaba sempre por escapar a uma percentagem da população. Sobre o meu trabalho em geral, ele tem uma motivação muito científica e acaba por ser dirigido a uma comunidade quase estritamente científica. Depois podem surgir, dessas investigações e publicações, casos e produtos que tenham uma real aplicação imediata no mercado para o público.

SF: Não sente dificuldades em trabalhar em Portugal? Não seria mais fácil trabalhar no estrangeiro?

PJSR: É certo que fora de Portugal há outro nível de apoios que ainda não se conseguem em Portugal. A facilidade de apoios no nosso país não é tão elevada como noutros. Mas sem dúvida que o governo está a investir mais na investigação científica. Aquilo que eu vejo é a falta de recursos. Nós podemos ter um grau de nível de conhecimento equivalente ao de pessoas que trabalham nas mesmas áreas, por exemplo, nos EUA, mas temos alguma falta de recursos e não conseguimos trabalhar em certos âmbitos que necessitam de materiais que não existem em grande escala no país.

SF: O que é que acha que poderia ser feito para melhorar essa situação?

PJSR: A nível político, poder-se-ia apostar mais na investigação científica. Ainda mais. No entanto, há, de facto, muitos projectos financiados nos últimos anos, mesmo de carácter europeu que chegam a Portugal e que têm sido impulsionadores da investigação



com protótipo amigo do ambiente

Flávio, Francisco, João Paulo, Marisa e Sara - 12ºB

científica como nunca tinha acontecido até ao momento. Não conseguimos é, para já, estar ainda ao mesmo nível de outros países, em termos de recursos.

Ser investigador

SF: Pode explicar-nos como é o

“...em paralelo a essa actividade da docência, existe a da investigação, que é executada como segunda prioridade. “O que é que faço aí?” Tento descobrir objectivos interessantes, como este da correcção daltónica, e depois investigo técnicas promissoras para a resolução do problema. Essa investigação pode passar por técnicas já conhecidas ou pela modificação ou inovação de técnicas que têm uma base naquilo que já é conhecido e tem outra base em ideias minhas que tentam adaptar aquela técnica ao problema que achei mais interessante.”

seu dia-a-dia na sua profissão?

PJSR: A minha profissão tem como primeiro objectivo a docência. Portanto, essa é a prioridade. O meu dia-a-dia tem a ver com estudar e investigar algumas matérias que surgem todos os dias e que servem para depois actualizar as matérias que eu exponho aos alunos. Como eu tinha dito antes, em paralelo a essa actividade da docência, existe a da investigação, que é executada como segunda prioridade. “O que é que faço aí?” Tento descobrir objectivos interessantes, como este da correcção daltónica, e depois investigo técnicas promissoras para a resolução do problema. Essa investigação pode passar por técnicas já conhecidas ou pela modificação ou inovação de técnicas que têm uma base naquilo que já é conhecido e tem outra base em ideias minhas que tentam adaptar aquela técnica ao problema que achei mais interessante.

SF: Então, prefere a investigação ao ensino?

PJSR: Prefiro. Prefiro a investigação ao ensino. É mais aliciante para mim. Isso tem a ver com o meu perfil particular.

SF: O que é que

mais o atrai na investigação? Há algo em especial?

PJSR: Sim. O poder resolver problemas que não estão resolvidos. Aquilo que atrai é a expectativa que se cria na procura da solução para o tal problema. Seremos capazes de resolver o problema.

SF: Quando é que decidiu seguir investigação?

PJSR: Em termos de ensino superior há um pouco a obrigação. Se somos docentes do ensino superior, então temos de fazer investigação. É uma forma de estarmos actualizados e de desenvolvermos as nossas capacidades de procura de soluções. É uma espécie de obrigação.

SF: Acha que as pessoas demonstram algum interesse pelas novas tecnologias?

PJSR: Eu penso que sim, mais os estudantes. São mais interessados, sentem-se mais atraídos. Eles sentem-se atraídos pelas tecnologias em si, ou melhor, pela prática dessas tecnologias mas, no que toca a parte teórica, ao que está por detrás das tecnologias, não se interessam.

SF: Acha que o seu trabalho é devidamente valorizado, re-

conhecido?

PJSR: É um pouco relativo. Eu penso que tenho o reconhecimento suficiente. Mas a maior parte das pessoas não conhecem o projecto e muito menos quem o criou.

SF Acha que o facto de o seu trabalho ter sido desenvolvido num politécnico, embora seja bastante conceituado a nível nacional, prejudicou o desenvolvimento do seu projecto?

PJSR: Não, o que importa são as pessoas, ou seja, dois mais dois é igual a quatro, tanto aqui como na China, tanto dá que seja politécnico como outra coisa qualquer. Os programas são os mesmos, as teorias são as mesmas que as de uma universidade. Nessa perspectiva, essa diferença não é tão

acentuada como se pensa.

SF: Normalmente as pessoas têm a ideia de que a universidade é mais teórica e o politécnico mais prático, e de que, em termos de arranjar emprego, o licenciado por uma universidade é beneficiado em relação a outro de um Instituto Politécnico. É verdade?

PJSR: Não é verdade que o politécnico seja um ensino mais prático, mas deveria sê-lo. O politécnico foi criado para ser mais prático, mas acaba por ser um ensino semelhante ao da universidade. Pessoalmente, gostaria que fosse mais prático, mas é teórico como na universidade.

Ser cientista em Bragança

SF: Pode fazer um balanço dos últimos dez anos a nível da ciência em Bragança?

PJSR: Só posso falar daquilo que conheço. E pelo que conheço houve de facto uma evolução, a nível do politécnico, pois houve um investimento no doutoramento dos docentes que integram a instituição. As pessoas após o doutoramento ficam mais vocacionadas, ficam mais motivadas para as suas especialidades. Logo este investimento contribuiu para a evolução da ciência.

O homem por trás do cientista

SF: Nós também gostaríamos de saber um pouco mais sobre si. Como é que é o homem que está por de-

trás da ciência?

PJSR: (Sorriso) Acho que se pode dizer que estou viciado na ciência. O poder fazer ciência, o investigar, o conseguir desenvolver um projecto, isto tudo faz com que me vicie. Ou seja, quando estou a acabar um projecto, já estou a desenvolver outros. Quando vou a meio de um projecto e me apercebo no que vai resultar, perco o interesse nesse projecto e isto é um grande defeito. Acabo por me afastar um pouco da vida social, prefiro ficar com um computador, a investigar e ligado à ciência.

SF : O que diria aos jovens que estão a pensar seguir na área da ciência?

PJSR: Não podem pensar em seguir, têm de ter a certeza. Não se pode pensar “Vou para ciências porque é giro!”, tem de se ter convicção. Sobre tudo, tem de se ter vontade, paciência, persistência, e em termos de carreira pode dar origem á integração noutros projectos.

SF: Quando tinha a nossa idade, como via a ciência?

PJSR: Nessa idade ainda não pensava numa carreira de investigação, mas sim de ser uma pessoa que ajudasse no desenvolvimento da ciência.

SF: Parece que conseguiu simultaneamente ajudar a ciência e fazer investigação. Agradecemos imenso a sua colaboração e continuação de um bom trabalho.



Na página ao lado, os alunos de Área de Projecto com o investigador.

Nesta página, João Pedro Rodrigues e com o protótipo

Arquitectura em Bragança na primeira década do século XXI



Na primeira década do século Bragança sofreu uma profunda transformação, que já vinha anunciada da década anterior, atinge o seu pico em meados da década e chega ao final desta em profunda estagnação e depressão.

A transformação ficou a dever-se aos investimentos públicos realizados, mas acima de tudo aos muito mais significativos investimentos privados, que as empresas e os cidadãos em geral realizaram ao longo da década.

Simplificando a análise, esta será dividida em duas partes:

Espaço Urbano

Ao nível privado, a cidade, por força dos loteamentos particulares, transforma-se numa manta de retalhos.

Com a propriedade de base já por si muito retalhada, e perante a falta de planos de pormenor que estabeleçam as linhas orientadoras, os loteamentos fecham-se dentro do terreno que lhes calhou retalhar, deixando quase tudo por resolver:

- A necessária articulação com os espaços envolventes;
- A topografia, criando ruas com declives impraticáveis;
- Áreas de cedências para equipamentos e zonas verdes, sem dimensão, forma e sentido.

Ao nível público a década fica marcada pela expansão da Braguinha. Uma nova cidade na ci-

dade de Bragança:

- Nova, porque iniciada no princípio da década, chega ao final desta praticamente concluída.

- Nova, porque fora da cidade, já que a cidade “velha” e a cidade “nova”, mais do que ligadas, são separadas pelo túnel/ fronteira.

- Nova, porque a capacidade habitacional instalada quase duplica a da restante cidade, a cidade da década de 80 certamente.

Paralelamente, decorrem dois importantes investimentos públicos, o “Procom”, na renovação do espaço público da cidade “comercial”, e o Programa Polis, no reacondicionamento das margens do Rio Fervença entre o Campus do Instituto Politécnico e a Ponte do Jorge.

O “Procom” lavou a cara da cidade, renovando-lhe os pavimentos na totalidade, transformando-a. Torna-se menos orgânica e mais espartilhada em espaços monofuncionais que não interpenetram as suas funções. O passeio é passeio, a faixa de rodagem só serve para rodar, o estacionamento para estacionar.

E as ruas tornaram-se “estreitas”.

Perdeu-se a multifuncionalidade da rua, da soleira da porta, como espaço privilegiado da conversa, ao toldo que abriga a venda, a esplanada, o movimento de peões e veículos, por vezes caótico, mas directamente proporcional à vitalidade da cidade.

Vitalidade perdida pare-

ce ter sido a consequência da intervenção. É certo que a cidade apresenta hoje mais pontos de vista para fazer a fotografia adequada ao Postal Ilustrado (também ele em desuso), mas o comércio tradicional entrou numa espiral de morte de que não se vê saída, na mesma razão directa da cidade asséptica que foi criada. A Praça da Sé, centro cívico da cidade, é hoje um espaço vazio que uns poucos, raros, resistentes teimam em manter aparentemente habitado.

O Programa Polis fez o saneamento do rio Fervença e teve, ou deveria ter tido, a ambição de trazer o rio para a cidade ou de levar a cidade até ao rio. Em grande parte, essa ambição ficou por cumprir.

Perdeu-se a importância que no passado o rio representou para a cidade como elemento de produção de riqueza:

- enquanto foco primordial da produção da seda;

- enquanto linha de moagem de cereal (são múltiplos os moinhos no espaço de intervenção do Polis);

- enquanto primeira central hidroeléctrica de fornecimento de electricidade à cidade.

Para o rio, o Polis apenas reserva um papel cultural, transformando os moinhos em museus, a central eléctrica em Centro de Ciência Viva, que, pese embora a boa qualidade do objecto arquitectónico se encontra já hoje obsoleto, por força da

evolução tecnológica, apresentando sinais evidentes de degradação, pelas soluções construtivas adoptadas, e sem que tenha ainda enfrentado o seu principal problema – a fúria do rio, que viu o edifício ocupar um espaço que é seu e que, em enxurrada próxima, não deixará de reclamar como seu.

A cidade viu nascer uma série de centros alternativos; cada bairro procura afirmar-se como alternativa, sem que em nenhum deles se anuncie a capacidade para tal, pelo tempo, que não têm, pela qualidade formal, que não lhes foi dada e não adquiriram, pelo número, que não arregimentam. Serão ainda estertores de vivências rurais, mais do que verdadeira manifestação urbana de cidadania.

(Continua no próximo número)

Cantinho do Cidadão

Se tivéssemos poder...

...tentaríamos dinamizar a Avenida João da Cruz, visto que, além de ser um sítio bastante movimentado e conhecido, é dos sítios mais bonitos de Bragança.

Se tivéssemos uma visão geral desta zona, vemos que não é uniforme e há ainda alguns espaços desabitados e abandonados. Tem algo a ver com o gosto arquitectónico de cada um, mas estamos a falar de um sítio que pode, eventualmente, ser um dos pontos fortes da nossa cidade, se for bem pensado e dinamizado. Por que não alterar as fachadas das casas, tentando uniformizar parcialmente a Avenida?

Outro dos pontos que poderiam ser alterados seria a requalificação do espaço da antiga moagem, talvez pudesse ser transformado num espaço polivalente ou na continuação do Centro Comercial, que é manifestamente pequeno, com pouca variedade de lojas, pouco apelativo e, portanto, com um número cada vez mais reduzido de visitantes. A intervenção que deveria ser feita baseia-se no melhoramento da circulação do cidadão e também na modernização que as casas e edifícios existentes passariam a ter.

Bragança precisa de ganhar vida outra vez, para que não caia no esquecimento da população portuguesa, que é o que vemos que está a acontecer cada vez mais rapidamente.

Mariana Padrão, Mariana Lopes, - 8ºA



O jornalismo em Bragança

Do homo faber ao homo sapiens

Em finais de 1984 dirigi-me à então RDP-Nordeste, coordenada pelo saudoso Joaquim Berenguel, no sentido de acordarmos um programa exclusivamente dedicado aos problemas da educação do concelho de Bragança. “Alpha-Beta” foi o nome que, juntamente com mais 3 colegas meus convidados, escolhemos para esse programa. Dos 10 minutos iniciais, o programa depressa se estendeu a 15 minutos e, depois, a meia hora.

Os leitores perguntarão: porquê esta história passados 25 anos? É que foi esta foi a história que de imediato me veio à memória quando a Directora deste jornal, a Professora Luísa Lopes, me convidou a fazer um breve texto sobre a situação do jornalismo em Bragança, na última década. Só que é impossível fazermos essa história sem recordarmos, ainda que ao de leve, o panorama jornalístico de Bragança alguns anos antes. E recordo que na altura, em finais de 1984, havia apenas um jornal regional – O Mensageiro de Bragança – e uma emissora local, que era a delegação brigantina da Rádio Difusão Portuguesa. Só nos finais de 1985 é que surgem o então quinzenário A Voz do Nordeste e a Rádio Brigantia, esta, na altura, ainda com o es-

tatuto de rádio pirata. Alguns anos depois é criada a RBA, seguida dos jornais “Nordeste Informativo” e “Nordeste”. Mais tarde, ainda, a RTP estende-se a Bragança e estabelece uma delegação permanente na capital de distrito. Entretanto, não obstante todos estes títulos e todas estas emissoras se manterem ainda em plena laboração, o sector da comunicação social sofreu profundas alterações, tanto em Bragança como no resto do país, como aliás aconteceu em muitos outros sectores da vida nacional, por força tanto da integração de Portugal na União Europeia e subsequente subida do nível de vida da população, como da evolução tecnológica entretanto registada. Efectivamente, em termos sócio-profissionais podemos dizer que a situação do jornalismo em Bragança evoluiu significativamente não só em termos quantitativos como em termos qualitativos. De facto, em 1985, a grande maioria dos jornalistas de Bragança não dispunha de qualquer licenciatura, e dos seus poucos titulares nenhum tinha qualquer diploma em comunicação social. Agora, ao invés, são uma minoria reduzidíssima os que não têm um curso superior, ainda que por vezes se possa questionar



César Urbino Rodrigues (jornalista e professor)

a qualidade de algumas dessas licenciaturas, como aliás acontece um pouco nas outras áreas profissionais. Nem sempre uma licenciatura é sinónimo de qualidade, sobretudo numa área tão abrangente como a da comunicação social, em que se exige uma tarefa multidisciplinar apoiada numa grande cultura geral e num particular conhecimento da Língua Portuguesa, tão maltratada por muitos dos nossos jornalistas de hoje que, por vezes, incorrem em erros de palmatória em termos ortográficos e de pon-

tuação, para já não falar nos clichés descarnados e sem alma da maior parte dos textos informativos. Em todo o caso, um mau jornalista portador de um diploma de licenciatura sempre será menos mau do que seria se não tivesse um curso superior, assim como um mau professor - que também os há - seria muito pior se não tivesse qualquer formação científica ou pedagógica. Mas o factor de mudança mais importante nestes últimos 15 anos foi a evolução tecnológica entretanto verificada. Muitos dos

leitores talvez nem saibam o que é um telex, eventualmente alguns até ignorem o que é um fax. No entanto, em 1985 o telex era o único equipamento de transmissão à distância de dados escritos, e quando foi substituído pelo fax passou-se como que da era do homo faber para a do homo sapiens. Todavia, a grande revolução tecnológica deu-se com a internet e com a fotografia digital. Só que este texto já ultrapassou os 3000 caracteres definidos pela Dr^a Luísa Lopes e, por isso, deixaremos para

uma próxima oportunidade a análise dos efeitos no mundo da comunicação social desses dois inventos tecnológicos, massificados a partir dos finais da década de 90, mas sobretudo nesta primeira década do século XXI e do 3º milénio.

Cantinho do Cidadão

Se eu tivesse poder...

a diversão ganharia vida. Como se pode verificar, na zona de Bragança, a diversão não é muito significativa nem variada. Penso que a dinamização de um espaço para diversões, inexistente até agora, seria uma boa solução para atrair mais pessoas à nossa cidade. Desde sempre, só houve em Bragança salões de jogos que, com o tempo, foram fechando. As diversões que temos são sobretudo exteriores e pouco consistentes. Seria necessário criar um espaço com várias diversões como bowling, uma pista de gelo, um novo campo de ténis, que despertaria o interesse da

população, da cidade e arredores, incentivaria ao conhecimento deste tipo de entretenimento e daria mais movimento e alegria à cidade. A diversão tornar-se-ia mais presente no nosso dia-a-dia. Também a zona do Castelo, onde já existe um Museu, deveria ser alvo de um projecto de requalificação ao nível do lazer e entretenimento, uma espécie de “requalificação do lazer e dos hábitos de convívio”. Se eu tivesse poder, Bragança tornar-se-ia mais “extrovertida” e não o “fim do mundo” que toda a gente diz ser.

Ana Beatriz Delgado - 10º B

Rotunda junto ao novo Centro de Saúde (Avenida Cidade de León), com motivos alusivos à tradição das máscaras. Na página ao lado, pormenor da Avenida João da Cruz



Olhar o passado, construir o presente



Felicitamos a Coordenadora do Jornal Outra Presença por, nas orientações editoriais assegurar a reflexão sobre o passado de Bragança, os contrastes e transformações, garantia de melhor construirmos o futuro.

Bragança uma das mais antigas cidades de Portugal orgulha-se da sua história, da identidade forte e valentia sempre presentes. História construída ao longo de milénios, feita muitas vezes em situações de adversidades extremas, por povos confiantes que aqui se radicaram e que em cada geração procuraram acrescentar o legado herdado.

O contributo da nossa terra na última década em que no país se registam indicadores desfavoráveis, na economia, nas desigualdades sociais, nas assimetrias territoriais, no

endividamento e dependência externa, pode assumir-se como positivo.

Em Bragança, na última década foram concretizadas transformações de significativa expressão, tanto no crescimento urbano, feito com qualidade ao nível do planeamento do espaço público urbano e do edificado, promovendo a harmonia e a boa imagem. A cidade cresceu tendo sido construídos cerca de 4000 novos fogos, com capacidade para alojar 12500 pessoas.

O município dispõe de instrumentos de planeamento eficazes de que não tinha como seja: Plano de Urbanização, Plano de Pormenor do Centro Histórico, Plano Verde da Cidade, Plano Estratégico de Mobilidade Urbana, Plano estratégico da Eco-Cidade, Agenda 21

Local. A cidade, soube de forma equilibrada ganhar atractividade, modernidade e qualidade de vida, preservar o Centro Histórico, reforçar a atractividade regional, construir a imagem de cidade verde, amiga do ambiente. A qualidade e a boa imagem, são referenciadas em várias avaliações externas, pelos residentes e por quem nos visita.

A cidade acolheu população e actividades sócio económicas, destacando-se a evolução no ensino superior, o crescimento e modernização do comércio, o crescimento da actividade industrial com perfil vincadamente exportador, nas áreas da metalomecânica (área em que no ano de 2009, duas empresas de Bragança ganharam a nível nacional o primeiro prémio, na categoria das grandes empresas e das pequenas e médias empresas), e agroalimentar, o que permitiu que Bragança assumisse posição maioritária ao nível das exportações em Trás-os-Montes.

Na área do turismo registou-se um grande crescimento, proporcionado pela promoção externa, pela maior oferta em termos de capacidade hoteleira, que triplicou neste período, o que favoreceu a realização de congressos e a captação de novos fluxos turísticos.

A cidade dotou-se de adequadas infra-estruturas nomeadamente de saneamento básico. Os esgotos corriam a céu aberto e eram lançados para o rio Sabor e para o rio Fervença, que era um foco de poluição dentro da cidade. Para resolver este grave problema, foram construídos colectores e emissários de transporte e estações elevatórias, concentrando os esgotos numa moderna esta-

ção de tratamento, o mesmo aconteceu na maioria das aldeias.

A limpeza urbana era muito insuficiente, o lixo estava um pouco por todo o lado e era depositado em lixeiras a céu aberto, que foram seladas. Hoje a cidade é um exemplo na limpeza urbana e no tratamento e valorização dos lixos urbanos.

Ao nível dos espaços verdes, verificou-se um ciclo intenso de construção de espaços verdes, tendo a área verde crescido onze vezes relativamente ao existente, destacando a plantação de mais de 15 000 árvores e a construção de espaços verdes de referência como, os separadores das avenidas, os parques do Eixo Atlântico, Bartolomeu de Gusmão, Braguinha, corredor do Fervença e parte da envolvente do Castelo, envolvente da Catedral e da Estação Rodoviária e muitos outros espaços em novas urbanizações.

Nos transportes e na mobilidade as transformações foram muito significativas, com a construção de uma moderna estação rodoviária, criados os transportes urbanos na cidade, com veículos amigos do ambiente, parques de estacionamento subterrâneo e de superfície, a construção do túnel da estação, de modernas avenidas, como a das Forças Armadas, Cidade de León, Luciano Cordeiro, General Humberto Delgado e requalificação da Av. Cidade de Zamora, dotadas de número significativo de elementos escultóricos.

No âmbito do abastecimento público e apoio ao desenvolvimento económico, foram criadas e ampliadas as áreas de acolhimento industrial e construídos novos equipamentos ligados ao abastecimento público, como seja o Mercado Municipal, o Matadouro e a Casa



do Lavrador, criadas novas iniciativas como as feiras de caça e pesca, da castanha e adquirido espaço para instalação definitiva das feiras mensais.

Sob o lema “no respeito pelo passado, construir o futuro”, na área da cultura e do património, foi escrita uma das mais expressivas páginas da gestão municipal, com a construção de novos equipamentos culturais e educativos como seja: o Teatro Municipal, Biblioteca Municipal, Biblioteca Adriano Moreira, Conservatório de Música, Centro Ciência Viva, Museu Ibérico da Máscara e do Traje, Centro de Arte Contemporânea, Cybercentro; Centros Escolares. O município não dispunha de serviços culturais estruturados, de agenda cultural, de capacidade editorial, nem de projectos culturais de referência, situação

evoluiu muito.

Sob o lema “alma sã em corpo sã”, foram promovidos e apoiados vários projectos de formação e promoção desportiva, construídos modernos equipamentos desportivos (piscinas cobertas e pavilhões municipais, parques de desportos radicais, parques infantis e para a terceira idade), ciclovias em construção e diversos programas orientados para o bem-estar e a qualidade de vida.

Ao nível da Rede Social, o município contribuiu de forma significativa para a construção de diversos equipamentos sociais, tendo o concelho saído muito fortalecido em termos da solidariedade, da coesão social e do voluntariado.

Bragança tem sabido vencer o isolamento em que a fronteira num determinado período da História nos



nte, preparar o futuro

Antonio Jorge Nunes (Presidente da Câmara Municipal)



colocou. O crescimento da actividade económica, do ensino superior, a melhor organização das Instituições, a qualidade urbana, a oferta e criatividade cultural apoiada em bons equipamentos culturais e o incremento de relações sociais económicas e políticas com cidades fronteiriças, como Zamora, León, Salamanca e Valladolid, são o testemunho e prova de querer e cidadania que alavancam a confiança no futuro da nossa terra, futuro que não está garantido só pela forte História e Identidade que a caracteriza, mas também pelo empenho de cada geração, que no seu tempo se obriga a acrescentar ao legado que outras nos transmitiram e por isso cada um de nós, podendo exigir da comunidade, obriga-se também a colocar todo o seu saber e disponibilidade ao serviço do interesse comum.

Cantinho do Cidadão

Se eu tivesse poder...

...subsidiava o restauro das habitações da parte histórica da cidade e diminuía o imposto municipal relativo às habitações situadas no centro, incentivando os jovens casais ao arrendamento nestas zonas. Atribuiria, ainda, um lugar de estacionamento gratuito por habitação. Mais gente no centro tornaria a cidade mais atractiva, mais segura, mais nossa.

Carina Fernandes, 11ºB



Cantinho do Cidadão

Se tivéssemos poder...

Juntamente com a Avenida João da Cruz, também a Praça Cavaleiro de Ferreira é um grande ponto de referência quer para os habitantes quer para os turistas. Com o passar do tempo, este espaço está a ficar gasto e requer algumas considerações para que continue a ser agradável e cativante. Um alargamento dos espaços verdes seria bem pensado, não deixando de parte a fonte, que é um monumento histórico da nossa cidade.

Uma esplanada. Este espaço precisa de uma esplanada permanente para que todas as pessoas que por aqui passam possam ficar agradavelmente instaladas. Está muito bem localizado, visto que fica no centro da cidade, perto das escolas secundárias e também de grande parte dos pontos de emprego. Esta esplanada deveria funcionar sempre e ser um dos pontos de encontro dos brigantinos, que poderiam tomar café, fazer refeições rápidas, assistir a espectáculos...

Mariana Padrão, Mariana Lopes - 8ºA



Na página ao lado, nova avenida, com acesso ao novo Centro de Saúde e ligação à avenida Cidade de Zamora, Avenida Cidade de Zamora e Túnel em frente ao Teatro Municipal
Em baixo, nesta página, nova zona verde da Braguinha, Rotunda com motivos alusivos às máscaras e Mercado Municipal
Em cima, avenida Cidade de León



Teatro Municipal de Bragança

O palco das artes e a nova forma de estar de um público emergente

Helena Genésio
Directora do Teatro Municipal de Bragança
Bragança, 15 de Janeiro de 2010



Investir na construção de um Teatro é dar lugar nobre à cultura, é investir na educação e na formação dos cidadãos porque cultura é educação e a educação é a pedra de toque de uma sociedade mais coesa, mais forte, mais justa, porque cultura é também uma forma, e talvez a mais nobre, de diálogo entre os povos.

Grças a uma verdadeira política cultural defendida pelo governo de António Guterres e sob a tutela do então ministro da cultura António Maria Carrilho foi criada a Rede Nacional de Teatros dotando todas as capitais de distrito de um espaço de excelência preparado para receber todas as artes de palco. É neste contexto que se dá início à construção do Teatro Municipal de Bragança, inaugurado a 31 de Janeiro de 2004.

A construção do Teatro Municipal para além de do-

tar a cidade de uma estrutura cultural de referência veio satisfazer a procura e o consumo de bens culturais; criar públicos; atrair grupos sociais diversos; proporcionar qualidade de vida aos cidadãos traduzida na fruição cultural.

Acreditamos que a existência do Teatro Municipal de Bragança tem vindo a alterar a atitude dos bragançanos em relação ao consumo dos bens culturais; o Teatro como espaço de convívio, de fruição, de cultura, é já uma realidade do quotidiano de muitos. Hoje a fruição de bens culturais está mais próxima dos cidadãos; o acesso à cultura descentralizou-se, democratizou-se.

A rede nacional de construção e recuperação de Teatros Municipais no país abriu a possibilidade de existência de espaços para a cultura acontecer, mas o trabalho não termina aqui; é

preciso viabilizar esses espaços criando condições para que neles o público encontre a verdadeira cultura que como diz Eduardo Prado Coelho “é aquela que ajuda cada um de nós a tornar-

se aquilo que é e que não procura fazer que cada um continue a ser aquilo que já era”¹.

A aposta foi e é na qualidade e na diversidade de propostas cujo objectivo foi / é formar públicos, educar públicos para num momento seguinte os fixar. Não há um público para o Teatro há sim uma diversidade de públicos e cumprenos programar actividades que vão de encontro a esses públicos oferecendo-lhes propostas capazes de os envolver, de os seduzir de os motivar para que entendam esta casa como sua. Este sentido de pertença vai-se construindo e para que aconteça é fundamental a existência de um serviço educativo de qualidade, um trabalho efectivo e continuado com as escolas dos diferentes níveis de ensino, com os agentes culturais da região, com a comunidade em geral². Entendemos,

desde a primeira hora, que a programação tem de ser rigorosa e exigente pautando-se pela qualidade. Só assim a cultura tem sentido e só assim será veículo de formação e educação. Não deveremos cair no fácil nem no comercial sem qualidade, escolheremos o caminho mais difícil mas também o mais seguro³.

Acreditamos que a música, o teatro, a dança, as artes de palco em geral têm um papel activo na construção de uma sociedade melhor, que assenta na formação e educação de públicos, particularmente públicos jovens, onde a semente cultural lançada hoje dará o seu fruto amanhã. Estamos convictas da indiscutível importância das artes e do seu papel na preservação da diversidade cultural, no desenvolvimento da criatividade e do espírito crítico, do espírito de iniciativa.

O nosso mais nobre objec-

tivo é que o Teatro Municipal de Bragança se transforme num lugar onde as pessoas se sintam bem, assumam esse espaço como um espaço colectivo de prazer, de fruição, de cultura. Só esta relação com o espaço dará ao Teatro a sua personalidade exemplar.

Cantinho do Cidadão

Se eu tivesse poder ...

...devolvia à sala de Actos do T. M. a vida que merece e que justificou a sua criação.

A sala de actos tem uma localização magnífica com uma excelente vista para o castelo e com a possibilidade de estar estreitamente ligada a grandes esplanadas.

Um espaço amplo com múltiplas possibilidades pela estrutura e dimensão, pelo fácil acesso ao terraço superior, pela régie e espaço de cozinha que a integram seria uma mais-valia para o Teatro Municipal, compensando a ausência de um pequeno auditório e possibilitando a existência de espectáculos mais intimistas.

Os materiais nobres, a vista magnífica e o significado do espaço poderiam dar a Bragança aquilo que ela ainda não tem: a possibilidade de conviver de perto com a música, o teatro, a dança de uma forma descontraída. Poderia dar-lhe também aquilo que ela já não tem: um local de confluência das várias artérias e gerações da cidade. A sala de actos tem tudo para ser Aquele Sítio.



1. Cit por Isabel Alves Costa; in: Seminário “Cultura e desenvolvimento cultural” Angra do Heroísmo; Março 2003.

2. Por estas razões ao lado de uma programação de nível nacional e internacional damos visibilidade a eventos e manifestações locais: Teatro Escolar; Gala das Escolas; Encerramento das Actividades Artísticas das Escolas de Dança e de Música; Cantar dos Reis, Festa da Música. Ao trazermos a comunidade ao palco, trazemos a comunidade ao Teatro, temos a comunidade connosco.

3. Muitas vezes, fomos acusadas de elitista por assim pensarmos. A melhor resposta encontramos-la em George Steiner: “É essencial ser elitista – mas no sentido original da palavra: assumir responsabilidade pelo «melhor» do espírito humano. Uma elite cultural deve ter a responsabilidade pelo conhecimento e preservação das ideias e dos valores mais importantes, pelos clássicos, pelo significado das palavras, pela nobreza do nosso espírito. Ser elitista, como explicou Goethe, significa ser respeitador: respeitador do divino, da natureza, dos nossos congéneres humanos e, assim, da nossa própria dignidade humana” in: A Ideia de Europa; 3ª edição; Janeiro 2006; Gradiva Publicações Lda; Lisboa; página 17.

Formação Profissional - Uma nova realidade



Fernando Calado

No âmbito da socialização dos jovens, durante muitos séculos, a Formação Profissional fez-se no seio da Família onde saberes ancestrais passavam dos pais para filhos. Noutros casos, o jovem aprendiz acompanhava o mestre e paulatinamente ia fazendo a aprendizagem necessária ao bom desempenho duma profissão.

Já numa época recente, as antigas Escolas Industriais e Comerciais deram um contributo importante à Formação Profissional dos jovens estudantes, ministrando cursos profissionais de Nível médio.

Com a extinção destas Escolas, a Formação Profissional de Nível médio ficou praticamente circunscrita aos Centros de Formação Profissional do Instituto de Emprego e Formação Profissional e a alguns Centros de Formação privados.

Perante esta realidade e face aos índices de escolarização e qualificação pro-

fissional da população, em geral, e dos jovens em particular, bem como as tendências identificadas neste âmbito, justificou-se a tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar, bem como a prevenção dos diferentes tipos de abandono escolar, designadamente o desqualificado, assumindo a Formação Profissional um papel estratégico no quadro das políticas activas de emprego.

Constatado o grande vazio que se estava a verificar na Formação Profissional várias medidas foram tomadas para culmar esta lacuna.

Desde logo é de salientar a medida imponente e necessária do regresso da Formação Profissional a muitas das Escolas Públicas do Ministério da Educação, onde actualmente são dadas respostas formativas aos jovens, com os Cursos de Educação Formação de Jovens e aos adultos com os Cursos de Educação Formação de Adultos, entre outras modalidades.

É de assinalar também a importante medida da alteração dos Cursos de Qualificação, ministrados nos Centros de Formação Profissional do IEFP, que somente davam Certificação Profissional, ficando os

Formandos impedidos de obter em simultâneo uma Certificação escolar. Esta mudança verificou-se tendo em conta dois grandes pilares: a dupla Certificação (Escolar e profissional) e da Validação e Certificação de Competências adquiridas ao longo da vida.

Por outro lado, a aprovação dos Cursos de Educação Formação de Adultos de Nível Secundário vem dar resposta de dupla certificação a muitos adultos que se viam impedidos de terminar o Ensino Secundário e obter, em simultâneo, uma formação profissional.

No Distrito como Bragança onde a desertificação é o principal factor de risco do desenvolvimento social e económico da Região, a possibilidade de se passar de uma lógica da oferta para uma lógica da procura da formação, veio tornar a oportunidade formativa mais atractiva respondendo às necessidades dos jovens e dos adultos que muitas vezes se viam constrangidos e impedidos de frequentar acções em virtude da formação estar formatada ou para activos, ou para desempregados, ou por um plano muito rígido de formação

CENTRO NOVAS

OPORTUNIDADES

As estratégias definidas no âmbito da iniciativa Novas Oportunidades tiveram particular importância na validação e certificação de competências a cidadãos que pretendiam obter o reconhecimento de competências adquiridas ao longo da vida, primeiro ao nível Básico, agora também ao Nível Secundário e Profissional

Com a actual possibilidade da Certificação ao Nível do Ensino Secundário permitiu dar resposta muito positiva, a um elevado número Funcionários Públicos, Agentes das Forças Militares e Militarizadas e outros cidadãos que têm assim uma oportunidade, há tanto esperada, de serem reconhecidas as suas competências adquiridas ao longo da vida profissional.

Em conclusão, o balanço da actividade da Formação Profissional é francamente positiva e motivadora para a consecução dos objectivos ambiciosos que estão definidos para o corrente ano de 2010.

O facto da Formação Profissional estar ao serviço da comunidade, garantindo aos formandos ferramentas de formação que respondam aos desafios, cada vez mais exigentes do Mercado,

são motivos suficientemente galvanizadores das vontades para que a Formação Profissional seja formatada por altos padrões de qualidade que respondam às necessidades do País e da Sociedade.

Cantinho do Cidadão

Se tivéssemos poder...

...manteríamos a excelente sinalética que caracteriza a cidade e que foi verdadeiramente uma conquista da última década. Um visitante hoje não se perde na cidade nem demora muito tempo a encontrar os locais que procura. E não é por a cidade de pequena, mas porque a existência dos espaços e a direcção que deve ser seguida está claramente indicada nas variadas placas distribuídas pela cidade. Claro que o tamanho de algumas parece excessivo face à dimensão da cidade, mas é claramente preferível à ausência que ainda caracteriza muitas cidades portuguesas



Um olhar sobre a cidade Conhecem Bragança?

Ana Carolina Pires, Daniela João, Joana Gonçalves - 7°C

Bragança é uma cidade de pequena dimensão, mas bastante rica em termos culturais. Com cerca de 20 mil residentes, oferece variados museus, pontos turísticos e históricos de interesse regional e nacional e iniciativas que promovem a cultura regional e divulgam a nacional e internacional.

Museus como o Abade de Baçal, o Militar, o Ibérico da Máscara e do Traje, a Casa da Seda, diferentes monumentos como o Castelo, a Dómus Municipalis e o Pelourinho oferecem aos residentes e aos visitantes a possibilidade de viajar na história da região e do país.

A cidade concentra um elevado número de igrejas. Desde a mais antiga (Igreja de Santa Maria) até à mais recente (Igreja dos Santos Mártires) e à recém-inaugurada Catedral, são variados os estilos e as tendências arquitectónicas que podem ser observadas.

Na área do espectáculo existem vários locais onde a cultura é celebrada: o Teatro Municipal

de Bragança, que apresenta vários tipos de espectáculos (teatros, bailados, concertos...) e a sala de cinema Castello Lopes, situada no BragançaShopping. Existe também uma escola de música, o Conservatório de Música de Bragança, onde são leccionados vários instrumentos, e uma escola de Ballet que abrem as portas à população, promovendo espectáculos com os seus alunos. Os que preferem a pintura têm a possibilidade de aprender a pintar com um dos pintores da região e de visitar as diversas exposições permanentes e temporárias que ocupam as salas do Centro Cultural e do Centro de Arte Contemporânea.

Os livros podem ser encontrados nas duas bibliotecas (Biblioteca Municipal e Biblioteca Adriano Moreira) localizadas no centro da cidade, sendo a segunda exclusivamente reservada aos livros que Adriano Moreira cedeu recentemente à cidade, depois de assinado um protocolo com a Câmara Municipal.



Biblioteca Municipal e, ao lado, a Biblioteca Adriano Moreira

No que toca à ciência, Bragança tem dois locais de particular interesse: o Centro de Ciência Viva e a Casa da Seda, onde se pode aprender ciência de uma forma divertida.

Bragança também tem vários meios de comunicação social. Quatro jornais (A Voz do Nordeste, Nordeste, Mensageiro Noticias e Informativo), duas rádios (RBA e Brigantia) e a

presença de jornalistas de dois canais de televisão. Todos publicam notícias regionais e também algumas nacionais e até internacionais.

Além destes espaços físicos, decorrem ao longo do ano diversas iniciativas que trazem à cidade muitos turistas e animam o ambiente. Feiras, como a das Cantarinhas, a do Artesanato e a do Livro, a Bienal da Máscara,

o Sarau da Poesia, a Norcaça e Norpesca, a Norcastanha fazem parte da rica agenda cultural de Bragança. No Verão, são realizadas as Festas da Cidade, que incluem a Festa da História, e que são, em geral, aquelas em que a população participa mais.

Também importantes no desenvolvimento cultural da cidade são os estabelecimentos de

ensino: três escolas com 3º ciclo e secundário, duas básicas de 2º e 3º ciclos, diversas com 1º ciclo, um Instituto Politécnico, o Instituto de Emprego e Formação Profissional e a Escola Prática Universal.

De que é que os brigantinos estão à espera? Quando começarão a usufruir daquilo que a cidade lhes oferece?

Cantinho do Cidadão Se eu tivesse poder...

Há uns anos a nossa cidade foi escolhida para o programa POLIS, este programa tinha como finalidade melhorar a vida das cidades. As obras de requalificação foram trabalhosas e demoradas.

Após algum tempo de tra-

balho apareceu então o Polis.

Este novo espaço brigantino surgiu como local de lazer para Bragança.

Com o passar do tempo a sua adesão diminuiu, o rio ficou sujo e as águas com um ar pouco saudável. Este espaço

foi alvo de vandalismo e destruição.

Se pudesse gostava de dinamizar este espaço, torná-lo um sítio onde as pessoas gostassem de ir e onde gostassem de estar. O polis deveria ser um local de convívio para os adultos, de diversão para as crianças e de lazer para os jovens. No Verão podia ter mais actividades que envolvessem o rio e actividades divertidas como canoagem e bicicletas de água. Podia ter um pequeno bar ou restaurante que estivesse aberto durante todo o ano, de maneira a levar mais gente para o polis e povoá-lo também à noite.

Cumprindo o slogan deste programa, devíamos "Viver as cidades".

Adriana Pires - 9ºB



ESCOLA SeguraNet

Semana da Segurança na Internet

Do dia 8 ao dia 12 de Fevereiro, decorrerá a semana da Segurança na Internet.

PARTICIPA!

Sê Responsável, utiliza a Internet com segurança!

Programa:

- 08/02 - Apresentação dos alunos sobre a protecção do computador. Participação do Rio de Baçal no intervalo das 10h.
- 09/02 - Apresentação do Comissário Lopes de Oliveira, seguida de uma visita guiada de forma lúdica à biblioteca.
- 10/02 - Filme na aula das aulas sobre a segurança na Internet. Participação do Rio de Baçal no intervalo das 10h.
- 11/02 - Actividades diversificadas sobre a segurança na Internet. Participação do Rio de Baçal no intervalo das 10h.
- 12/02 - Distribuição do material produzido para a temática. Encerramento da semana da segurança na Internet.

Intervenientes: Alunos do 9º Ano de escolaridade

Colaboração: Alunos de 12º A, B e C; Curso Profissional Técnico de Multimédia

Rede Concelhia de Bibliotecas de Bragança 10 anos a construir o futuro



Rosário Caldeira, coordenadora interconcelhia RBE



Em 1996, O Ministério da Educação constituiu um grupo de trabalho para elaborar um diagnóstico sobre bibliotecas escolares em Portugal. Este grupo de trabalho, coordenado por Isabel Veiga, actual Ministra da Educação, era constituído por Cristina Barroso, José António Calixto, Teresa Calçada e Teresa Gaspar.

O relatório resultante deste estudo, intitulado Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares (Veiga et al, 1996), denunciava um grande atraso da sociedade portuguesa comparativamente com as suas congéneres europeias, no que respeita aos hábitos de leitura e às competências de literacia da população. O documento apontava, também, para a ausência nas escolas portuguesas de um elemento fundamental que ajudasse a contrariar

estes números preocupantes: bibliotecas escolares modernas, bem equipadas e com fundos documentais ricos e diversificados, em regime de livre acesso. Segundo os autores deste estudo, faltava “um serviço de biblioteca que deveria ser básico, permanente e estimulante”. Foi, então, criado o Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) coordenado até hoje por Teresa Calçada.

Em 1997, primeiro ano de execução do Programa, apareceram as primeiras bibliotecas escolares (164) criadas segundo parâmetros actualizados e em consonância com as referências difundidas por Organizações Internacionais como a UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) e a IFLA (International Federa-

tion of library Associations and Institutions). O IFLA/ UNESCO Library School Manifesto (UNESCO, 1999) pode ser considerado o documento internacional de maior importância no que respeita às bibliotecas escolares. Implementado no terreno o Programa RBE, as escolas integradas mudavam completamente as suas práticas no que respeita à promoção e difusão da leitura.

Em 1999, o Programa RBE intervém no concelho de Bragança iniciando uma rede concelhia de bibliotecas escolares. Nesse ano são intervenções nas Escolas Secundárias Abade de Baçal e Miguel Torga, a EB2,3 Augusto Moreno e as Escolas de 1º ciclo nºs 9 e 10 (Mãe d'Água e Campo Redondo). No ano seguinte, seguir-se-ão as integrações da Escola Secundária Emí-

dio Garcia e da Escola de 1º ciclo nº 5 (Estação). Em 2003 será integrada na RBE a EB2,3 Paulo Quintela, em 2004 a Escola Básica de 1º ciclo do Toural e, finalmente, em 2008, a EBI de Izeda consegue a integração da sua biblioteca escolar na RBE vindo nascer na escola um espaço moderno, bem equipado, convidativo à leitura e à pesquisa da informação em diferentes suportes. São estas as escolas que constituem, actualmente, a rede concelhia de bibliotecas escolares de Bragança.

No entanto, uma verdadeira rede pressupõe colaboração, cooperação e partilha de recursos, sejam eles físicos, materiais ou humanos. Segundo o Relatório Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares (Veiga et al, 1996), deveria instituir-se, a nível concelhio, em coorde-

nação com o Ministério da Cultura e com as autarquias / bibliotecas municipais um Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE).

Porém, durante anos, as bibliotecas escolares do concelho de Bragança, à semelhança do que se passava na grande maioria dos concelhos do país, desenvolveram as suas práticas dentro das respectivas escolas para uma comunidade pequena, fechadas ao exterior. A partilha era tímida e esporádica, resumindo-se a actividades pontuais, sem planificação e articulação prévias. Em 2008, as coordenadoras das bibliotecas escolares das escolas integradas na RBE iniciam um trabalho conjunto de planificação de actividades e partilha de experiências e de recursos. Porém, 2009 representará o ano de viragem neste processo com a institucionalização do SABE através da assinatura de um protocolo entre a Câmara Municipal e as escolas. Desde então, realizam-se reuniões mensais com a presença da bibliotecária municipal e, sempre que oportuno, outros membros da autarquia ligados à educação, pro-

fessoras bibliotecárias das escolas do concelho e coordenadora interconcelhia da RBE. Planificam-se actividades conjuntas, articulam-se projectos e partilham-se experiências e materiais no âmbito da gestão e dinamização das bibliotecas. Esta parceria, bibliotecas escolares / biblioteca pública, tem vindo a fortalecer-se, contribuindo para uma acção efectiva na promoção do livro e da leitura.

O presente está construído, mas na Sociedade da Informação e do Conhecimento este presente já é passado. Novos contextos obrigam a novos desafios. O futuro passa, indubitavelmente, pela criação de um catálogo colectivo concelhio onde estejam alojados os fundos documentais de todas as bibliotecas do concelho (municipal e escolares) e se encontrem acessíveis de forma eficaz e completa. A constituição de um catálogo colectivo rentabiliza custos, facilita o empréstimo interbibliotecas, agrega esforços em seu redor, constituindo-se como um factor de coesão entre bibliotecas escolares e biblioteca municipal.

Cantinho do Cidadão

Se eu tivesse poder...

... mudaria algumas coisas na Biblioteca Municipal de Bragança.

Em primeiro lugar, construiria um bar, pois actualmente apenas existe um distribuidor de bebidas quentes e frias e acho que um bar seria importante para quem passa lá a tarde. Também arranjaría mais mesas pois, na verdade, muitas vezes uma pessoa vai lá para trabalhar e estão ocupadas tendo de se dirigir para o espaço infantil ou fazer o trabalho noutro lado. Deviam organizar também mais actividades como saraus de poesia, encontros com escritores, encontro de leitores. Deviam também divulgar mais o que a biblioteca municipal de Bragança tem para oferecer às pessoas. Se eu tivesse poder, abriria a BM ao fim-de-semana. Nestes dias as pessoas estão mais disponíveis para passear, requisitar livros... Era isso que eu mudaria na biblioteca municipal de Bragança.

Vitor Minhoto - 9ºB



Numa parceria do Teatro Municipal com o Centro de Arte Contemporânea

Mão na Boca

Mariana Lopes, 8°C

O que é que têm em comum Paula Rego, o Teatro Municipal e o Centro de Arte Contemporânea? O dia 25 de Setembro mostrou como entidades separadas podem juntar-se na vontade de trazer mais cultura à cidade. Um grupo de dançarinos contemporâneos, ensaiado pela coreógrafa Joana Providência, que exerce a sua profissão há já 20 anos, veio ao Teatro Municipal apresentar uma dança criada a partir dos quadros de Paula Rego e passou pelo Centro de Arte Contemporânea.

Na conversa que tiveram com o público no Centro de Arte Contemporânea, os dançarinos explicaram que tudo começou com um desafio lançado pelo Museu de Serralves. Como explicar este título: “Mão na Boca!”? Talvez o título tenha surgido da ideia de que a pintora Paula Rego fala com as mãos, ou seja, a sua boca são as mãos.

Nas obras desta pintora todos os aspectos são importantes e todos eles têm significados diferentes: as personagens contam histórias e os olhares e os



gestos mostram e dão a entender que não só aquilo que está representado no quadro acontece; há algo mais que está a acontecer ou que vai acontecer. Todos os quadros trazem também à memória o medo, a infância, por isso foi muito difícil para os dançarinos conseguirem representar todas essas

coisas, pelo que tiveram de se preparar emocionalmente primeiro. Para conseguirem construir toda a coreografia, os artistas tiveram de se transformar em personagens que jamais imaginariam, como cães e galinhas, tiveram também de usar os objectos-chave de cada quadro da pintora: os baldes

que se relacionam com o aborto, o sofá, uma bota e muitos outros. Quanto ao som, foram escolhidos sons da natureza, sons aterrorizadores e muitos outros, todos compostos por Luís Ali. Um pormenor curioso desta representação é também o facto de o chão estar todo coberto com terra para dar

uma ideia de sujidade.

Toda a coreografia foi muito original e partiu de uma pequena ideia para se tornar numa nova interpretação dos quadros de Paula Rego.

Em cima, Joana Providência, coreógrafa

Em baixo, a coreógrafa e duas bailarinas do espectáculo “Mão na Boca”, na pré-apresentação, no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais e abertura da sessão pelos directores do Teatro Municipal, Helena Genésio, e Centro de Arte Contemporânea, Jorge Costa

